

# JORNAL DE BRASÍLIA 1 MAI 1985 DF BRASÍLIA 31 MAI 1985

## Governador tomba o Buriti

José Duílio

Com uma hora de atraso, o governador José Aparecido, em cerimônia simples, assinou o Decreto nº 8.623 de 30 de maio de 1985, tombando a Arvore Buriti e a Praça do mesmo nome, para assegurar a permanência de um elemento paisagístico no urbanismo revolucionário da capital brasileira.

O ato foi presenciado pelo jurista Afonso Arinos de Mello Franco, sobrinho de Afonso Arinos, autor do poema "Buriti Perdido" que inspirou o então prefeito Wadjô Gomide, a trocar a denominação da Praça da Municipalidade por Praça do Buriti e contou ainda com a presença do arcebispo de Brasília, D. José Freire Falcão, do presidente do Tribunal de Justiça do DF, Antônio Honório de Oliveira Júnior; do jurista José Tomás Nabuco, também do ex-prefeito Wadjô Gomide; de Dona Maria do Garmo Nabuco e Ana Cecília Nabuco de Magalhães, secretários de Estado, parlamentares e outras autoridades. A presença mais inusitada ficou por conta do humorista Millôr Fernandes.

De uma vereda próxima a rodovia Brasília-Anápolis no Km 30, 53 buritis foram trazidos pelo agrônomo Stênio Bastos, presente à cerimônia. Uma das árvores foi plantada na então Praça da

## É o quarto marco de sua gestão

O governo de José Aparecido de Oliveira está marcado por três movimentos importantes: primeiro, pela visita de Oscar Niemeyer a Brasília para corrigir as distorções do Plano Piloto. O segundo, quando esteve na cidade-satélite de Ceilândia com o consultor da ONU, Jaime Lenner, com a finalidade de sentir seus problemas. O terceiro, sua histórica

Municipalidade. As demais foram para o Palácio Itamarati e outras áreas do Plano Piloto. A primeira planta não resistiu ao transplante. Houve rejeição e morreu. Foi substituída por esta, que resiste até hoje.

O jurista Afonso Arinos de Mello Franco, em improviso, fez um detalhado histórico da presença da família no Brasil desde o tempo da Colônia, passando pela posse de terras na divisa dos Estados de Minas e Goiás — 1744 — até a República. E explicou que os versos de seu tio do livro *Pelo Sertão* escrito em 1894, "Buriti Perdido" fazia referência a "um buriti que existia na sua terra." — "Se algum dia a civilização ganhar essa paragem longínqua, talvez uma grande cidade se levante na campina extensa que te serve de sóco, velho buriti perdido". O texto de Afonso Arinos foi gravado em mármore na forma de uma placa e colocado ao pé do Buriti na praça em frente ao Palácio do GDF.

O governador José Aparecido, em seu discurso disse que o tombamento do Buriti, testemunha sobrevivente do drama da conquista, elege o símbolo de nosso compromisso com a natureza. Serve para anunciar os tombamentos da Praça dos Três Poderes e do Eixo Monumental, como sugeriu o professor Lúcio Costa, ao mesmo tempo que assinala o ideal de equilíbrio entre urbanismo e ecologia.

presença em Luziânia, marco importante da união entre o GDF e o seu Entorno social.

Hoje, o governador José Aparecido completou o quarto movimento de uma "Sinfonia Sócio-Cultural" quando assinou o Decreto 8.623 de tombamento da árvore Buriti, sentinela da poesia de Brasília e símbolo da literatura nacional.

## Millôr, na praça, alegre Aparecido

A presença inusitada e, para muitos, surpreendente do humorista Millôr Fernandes no palanque em que se encontravam as autoridades presentes à solenidade de tombamento da Praça do Buriti deixou o governador José Aparecido muito contente. Tanto que ele, de improviso, prestou sua homenagem e chamou Millôr de «poeta do humor e do desenho, uma das personalidades mais fortes e brilhantes do nosso tempo».

Não há como discordar. O que não se entende muito bem é como Millôr foi parar ali naquele palanque, logo ele que é um dos críticos mais ferinos do Pacto. Sua presença não estava prevista, ninguém sabe quando e como ele apareceu. A resposta talvez esteja justamente no texto de ontem da coluna que ele publica diariamente no *Jornal do Brasil*. Vejam só o que dizia Millôr sob o título «Mais Uma Aparição Exclusiva do Pacto»: «O pacto é concordatário/O pacto é homologante/O pacto é homoelegante/O pacto é conciliante/O pacto é pac(a)to/O pacto se alimenta de ante antiprojetos constitucionais/Pondo ovos quadrados nem por isso o pacto sabe a ré que tem». Pois ontem, vendo Millôr ali (foto) entre dois eminentes pactuantes, é o caso de se perguntar: será que naquele momento lhe apertava o sapa(c)to ou ele aproveitou a ocasião para apenas, sapa(c)tear? (ARP)